

## **A BINOMIA ESTILÍSTICA NA POESIA AZEVEDIANA: um olhar freudiano**

Geovane Souza Melo Junior (ILEEL-UFU)

jrnjl@yahoo.com.br

Gabriel Jodas Nogueira(ILEEL-UFU)

gabriel-jodas@hotmail.com

Esta investigação pretende analisar sucintamente o poema de Álvares de Azevedo, retirado do livro *Lira dos vinte anos* ([1853] 2012), a saber, "O poeta". Azevedo é influenciado em sua escrita, sobretudo por Lord Byron e William Blake, projetando assim, constantemente em sua literatura imagens do obscuro domínio inconsciente. Assim sendo, propomos esta análise a partir da perspectiva freudiana acerca das pulsões. A partir de tal contemplação dessa parte inconsciente do homem, de certa forma, quiçá, podemos considerá-lo um dos precursores do conceito de inconsciente. Afinal, observemos que um dos conceitos mais famigerados da psicanálise, o Complexo de Édipo, foi um termo baseado justamente no campo literário. Portanto, o poema em questão será investigado por meio do diálogo entre literatura e psicanálise, a partir da temática de *Eros* e *Tânatos* na poesia azevediana e os conceitos freudianos de Pulsão de vida (*Eros*) e Pulsão de morte (*Tânatos*). O principal aporte teórico ao desenvolvimento deste trabalho vem de Sigmund Freud, em seus artigos: *Além do princípio do prazer* ([1920] 2010) e *Os instintos e seus destinos* ([1915] 2010).

**Palavras-chave:** Álvares de Azevedo, poesia, psicanálise, pulsão

## 1. ÁLVARES DE AZEVEDO E A BINOMIA ESTILÍSTICA

Em 1831, nasce em São Paulo o autor Manoel Antônio Álvares de Azevedo, tido por grande parte dos críticos literários como o maior expoente do Ultrarromantismo em terras brasileiras, “[...] a leitura de Álvares de Azevedo merece prioridade, pois foi o escritor mais bem dotado de sua geração” (BOSI, 2006, p. 110). Outros grandes nomes dessa escola são: Cassimiro de Abreu, Fagundes Varela e Junqueira Freire. Em seu início, essa escola surge em Portugal, sobretudo nas afamadas cidades do Porto e Coimbra, sendo que, após este primeiro momento, entre as décadas de 1950 e 1960, jovens poetas, principalmente do estado de São Paulo e Rio de Janeiro, juntam-se nas então tavernas e forjam o Ultrarromantismo brasileiro.

Além das características já consagradas ao romantismo, como: o pessimismo; desgosto de viver; apego aos vícios – famigerada vida boêmia; gosto pela noite e pela morte, a escola ultrarromântica se singulariza por não se importar com duas características básicas do Romantismo, a saber: o nacionalismo e o indianismo. Além destes temas principais, Azevedo inspira-se em Lord Byron e trata constantemente em seus poemas temas macabros e satânicos, a título de exemplo: a peça teatral *Macário* e o livro *Noite na Taverna*. Vejamos, “A extraordinária imaginação poética de Manoel Antônio Álvares de Azevedo, provavelmente o maior caso de byronismo explícito das letras brasileiras [...]” (AZEVEDO, 1998, p. 9).

O livro de Azevedo *Lira dos vinte anos* é publicado postumamente na data de 1853, essa obra é decomposta em três partes, porém, Álvares de Azevedo tinha como desígnio maior dividi-lo em duas partes, segundo as temáticas de Ariel (*Eros*) e Caliban (*Tânatos*). Todavia, este objetivo não foi alcançado devido à morte prematura do autor aos seus vinte e um anos de idade. Esse conjunto de escritos azevidiano é classificado como uma antologia de poemas fortemente marcados pelo princípio da binomia, segundo o próprio autor em seu supracitado:

Quase que depois de Ariel esbarramos em Caliban. A razão é simples. É que a unidade deste livro funda-se numa binomia. Duas almas que moram nas cavernas de um cérebro pouco mais ou menos de poeta escreveram este livro, verdadeira medalha de duas faces (AZEVEDO, [1853] 2012, p. 103).

Destarte, pelo conceito de binomia já apontado por Azevedo em sua obra, percebemos que esta antologia é marcada por uma dualidade constitutiva, de um lado temos Ariel representando o amor, a vida, de outro lado há Caliban representação da inércia, do caos, da

morte. Essas duas entidades místicas azevidianas são inspirações da peça teatral shakespeariana *A tempestade*.

## 2. SIGMUND FREUD E O DUALISMO PULSIONAL

A partir desta dualidade fundante na antologia *Lira dos vinte anos* de Azevedo propomos um colóquio entre a literatura do ultrarromântico brasileiro e a psicanálise do vienense Sigmund Freud, a partir de seus conceitos de *Pulsão de vida* e *Pulsão de morte*. Ademais, para Bosi, Azevedo é influenciado em sua escrita, sobretudo por Lord Byron e William Blake, projetando assim, constantemente em sua literatura imagens do obscuro domínio inconsciente, os sonhos e suas vicissitudes na vida humana (BOSI, 2006). Portanto, além do dualismo em sua obra, Azevedo aborda continuamente em seus textos questões do inconsciente e os sonhos.

Ora, uma tríade – pulsão, inconsciente e sonhos - na qual Freud se dedicara a estudar durante toda sua vida. Freud, a partir de seu artigo *Além do princípio do prazer*, recoloca as pulsões antes estruturadas em pulsões do eu ou de auto-conservação e pulsões sexuais em pulsão de vida e pulsão de morte. O psicanalista defende que além da pulsão de vida (*Eros*) também há outra força que tende a repetição e a busca por um estágio anterior de vida, ou seja, a pulsão de morte (*Tânatos*)

No entanto, voltemos alguns anos para percebermos o processo de criação desta dualidade freudiana das pulsões. Anteriormente a este artigo, há o texto metapsicológico *Os instintos e seus destinos*, neste texto, Freud trabalhará o conceito de pulsão, no original *Trieb* – e suas divergências entre o termo instinto, em alemão *instinkt*. Assim, para Freud a pulsão deve ser definida como “[...] um conceito-limite entre o sómático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo” (FREUD, [1915] 2010, p. 57). Nas próximas páginas é explicado que a pulsão carrega em si quatro características, são eles: o impulso, a meta, o objeto e a fonte. Em seguida, Freud assevera a primeira classificação das pulsões e expõe o porquê de tal classificação:

Sugeri a diferenciação de dois grupos desses instintos<sup>1</sup> primordiais, os instintos do Eu, ou de autoconservação, e os instintos sexuais. [...]. O motivo para essa proposição resultou do desenvolvimento histórico da psicanálise, que teve como

---

<sup>1</sup>Note-se que, a palavra alemã *Trieb* foi traduzida, nesta versão das obras completas de Freud, como sinônimo da palavra alemã *Instinkt*.

primeiro objeto as psiconeuroses, mais precisamente aquelas denominadas neuroses de transferências (histéria e neurose obsessiva), e por meio delas chegou à compreensão de que um conflito entre as exigências da sexualidade e as do Eu se encontra na raiz de cada uma dessas afecções (FREUD, [1915] 2010, p. 61).

Deste modo, esta seria a primeira divisão pulsional freudiana definida em seu artigo *Os instintos e seus destinos*, portanto temos neste momento pulsão do eu ou de autoconservação e pulsão sexual. Todavia, em seu artigo *Além do princípio do prazer*, como dito anteriormente, essa dinâmica pulsional irá ser colocada em xeque e uma nova conceptualização será forjada. Nesse artigo, Freud utiliza principalmente do exemplo dos sonhos angustiantes e da biologia celular, além de citar eminentes filósofos como Schopenhauer e Nietzsche para demonstrar que a compulsão a repetição seria um elemento intrínseco da pulsão. Assim, através de vários exemplos e argumentos Freud pondera, “aqui se nos oferece a oportunidade de rever a lenta evolução de nossa teoria da libido” (FREUD, [1920] 2010, p. 221). Continua sua argumentação, “apenas sucede que a diferença entre as duas espécies de instintos, originalmente pensada como de algum modo qualitativa, deve agora ser caracterizada de outra forma, isto é, como sendo topológica (FREUD, [1920] 2010, p. 223).

Portanto, a oposição entre pulsão do eu e pulsão sexual cai por terra, pois Freud percebe que ambos são de origem libidinal, eis que surge uma dualidade, entre pulsão do eu e pulsão de objeto, mas, a observação analítica fez crer que o próprio eu é um objeto. Desta forma, chegamos à última teoria pulsional freudiana, isto é, a dualidade entre pulsão de vida e pulsão de morte, teoria esta influenciada pelas leituras de dois expoentes alemães por parte de Freud, a saber, Goethe e Schiller.

Em Johann Wolfgang von Goethe, pensador e escritor alemão, Freud alimenta-se das várias manifestações de *Eros* em suas obras, “Freud não está errado: poucos poetas foram capazes de, como Goethe, representar em suas obras uma diversidade tão grande de manifestações do amor e sua insólita e misteriosa unidade” (MANGO, 2014, p. 48). Por sua vez, Friedrich Schiller, grande amigo de Goethe foi um dos primeiros escritores a utilizar o conceito de *Trieb*. As leituras de Goethe e Schiller amparam decisivamente as noções metapsicologias freudianas. Schiller no primeiro dualismo pulsional, entre as pulsões do eu e pulsões de objeto – fome e amor. Já Goethe, estaria ancorado no segundo dualismo pulsional, pulsões de vida e pulsões de morte. Isto posto, quais os possíveis diálogos entre essa dualidade pulsional freudiana e o binômio azevidiano? No próximo capítulo nos ocuparemos desta análise, através do exame do poema *O poeta*.

### 3. ANÁLISE DO POEMA *O POETA*

Analisaremos o poema *O Poeta* a partir das considerações levantadas ao longo deste artigo acerca da pulsão de vida (*Eros*) e pulsão de morte (*Tânatos*). Vejamos alguns trechos do poema em que a pulsão de vida se confirma, através das intenções e desejos do eu-lírico, como motivadora da ação e do labor poético;

No meu leito – adormecida,  
Palpitante e abatida,  
A amante do meu amor!  
Os cabelos recendendo  
Nas minhas faces correndo  
Como o luar numa flor!(AZEVEDO [1853] 2012, p. 40).

Nesta estrofe, podemos notar a constância da figura feminina no imaginário do eu-lírico, quando este é tomado pelo esplendor do toque da mulher, cujo amor é imprescindível para que o poeta continue seu ofício. Veremos, mais adiante, que, geralmente, a causa do sofrimento do poeta está centrado também em relação com o objeto de seu amor, que na maioria dos casos é feminino. O que determinara o teor expressivo do poema será as duas pulsões aqui trabalhadas. Podemos notar, neste trecho, que através da presença do feminino o poeta libera sua pulsão de vida (*Eros*), através da qual é capaz de encontrar beleza no mundo que habita, constatado no último verso da estrofe, a partir da comparação entre a percepção do eu-lírico ao tocar os cabelos da amada e a luz do luar ao tocar as flores. Sem esta aproximação afetiva entre o poeta e seu objeto do desejo ele se insere na pulsão de morte (*Tânatos*), vejamos;

Não era um sonho mentido;  
Meu coração iludido  
O sentiu e não sonhou:  
E sentiu que se perdia  
Numa dor que não sabia...  
Nem ao menos a beijou!(AZEVEDO [1853] 2012, p. 40).

A ilusão provocada pelo amor o faz sofrer e, talvez fosse o sonho o único caminho viável para continuar. A respeito da presença do onírico comenta Antonio Candido: “o sonho é nele tão forte quanto a realidade; os mundos imaginários, tão atuantes quanto o mundo concreto; e a fantasia se torna experiência mais viva que a experiência, podendo causar tanto sofrimento quanto ela” (CANDIDO 2012, p. 496).

A mulher amada, mormente é idealizada, é o cerne da questão nesta estrofe. Despossuído de seu amor, o eu-lírico sofre em demasia. Esta estrofe remete-nos a pulsão de morte (*Tânatos*), que fica clara a partir do segundo verso, no qual o eu-lírico entende-se em um sofrimento sem saída.

A separação requerida por Alvares de Azevedo para esta antologia na temática de Ariel e Caliban, que aqui estudamos segundo os preceitos de Eros e Tânatos, as vezes, como vimos na análise dos trechos acima, inserem-se em um só poema. Assim, mesmo quando o autor pretendia estabelecer uma simetria em relação à temática proposta, a presença da “binomia estilística” encontra-se presente em sua obra como um fator resultante da própria escritura do autor, já envolta ora por sentimentalismos românticos, ora por profanações satânicas. A determinação que ambos os estilos dependerão, na maioria dos casos, do espaço-tempo do acontecimento enunciado. Como podemos observar no poema O Poeta, no primeiro trecho, desenvolvido e analisado segundo a tendência de Eros, o espaço se desenvolve no leito, lugar reservado para a execução de práticas afetivas, tendo ênfase para a pulsão de vida, enquanto a segunda análise, amparada pela temática de Tânatos, se passa no mundo onírico, lugar comum para o desejo daquilo que não se pode possuir, acarretando na consequência da pulsão de morte.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Cilaine. **O belo e o disforme: Álvares de Azevedo e a ironia Romântica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1998.

AZEVEDO, Álvares, (1853). **Lira dos vinte anos**. 4 ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 36<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira; momentos decisivos**. 13<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. 2012.

FREUD, Sigmund, (1920). **Além do princípio do prazer**. In: História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”); além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo. Companhia das Letras, 2010. v. XIV.

FREUD, Sigmund, (1915). **Os instintos e seus destinos**. In: Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo. Companhia das Letras, 2010. v. XII.

MANGO, Edmundo Gómez. Com Goethe: os libertadores In: **Freud com os escritores**. 1 ed. São Paulo: Três Estrelas, 2014.